

---

# Na presença do vazio há algo que se escreve

Vanessa Santos\*

---

RESUMO: Em *O Inquilino* obra de Cao Guimarães e Rivane Neuenschwander tem-se uma bolha como protagonista. Por vezes, ela afirma a sua própria invisibilidade ao percorrer os espaços vazios de uma casa durante o tempo de duração do vídeo, sem nunca estourar. Este texto parte da obra de Cao e Rivane para refletir sobre questões como a ideia de vazio e ausência, tecendo breves paralelos com o teórico Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano*. A necessidade de ter o espaço circunscrito por algo tão frágil e delicado como é a natureza da própria bolha dialoga com a ideia de uma presença constante de algo que nunca se concretiza completamente, é da ordem de uma ausência ou de um esquecimento. Como se houvesse uma apropriação do lugar em si feita pela própria bolha, constitui-se como uma lembrança que insiste em retornar assumindo o lugar de uma falta que parece estar sempre ali presente entre um cômodo e outro e por todo o tempo de duração do vídeo.

PALAVRAS-CHAVE: vazio, ausência, invisibilidade.

---

\*Vanessa Santos faz mestrado na linha de pesquisa de Linguagens Visuais no programa de pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ, possui bacharelado em Artes Visuais/Escultura na mesma instituição. Pertence à equipe editorial do Periódico: Arte e Ensaios (PPGAV-UFRJ). Fez cursos no Parque Lage, IPPUR, SENAI e HO. Suas áreas de interesse são: Arte Contemporânea, escritos de artista e fotografia, principalmente obras que possuam como questões o silêncio, o cotidiano, o vazio e a ausência. Tel.: (21) 81657229 e e-mail: vanessa\_qdv@hotmail.com

ABSTRACT: In "The Tennant", work of Cao Guimarães and Rivane Neuenschwander, we have a bubble as a protagonist. Sometimes, it affirms its own invisibility when running through empty spaces of a house for the duration of the video, without popping. This text comes from work of Cao and Rivane to reflect upon questions about the idea of emptiness and absence, weaving brief parallels with the theorist Michel de Certeau in *L'invention du quotidien*. The need of a space circumvented by something so fragile and delicate like the nature of the bubble itself dialogs with the idea of a constant presence of something that never completely comes to be, it is from a place of absence or oblivion. This is like there was an appropriation of the place itself made by the own bubble, constitutes as a memory that persists to return taking the place of an absence that appears to be always there, present between a room and another and throughout the video.

KEYWORDS: emptiness, absence, invisibility.

Em *O Inquilino* de Cao Guimarães e Rivane Neuenschwander uma bolha protagoniza a ação principal no decorrer do tempo de duração do vídeo, aproximadamente dez minutos, e ao deslocar-se ao longo de todo um apartamento vazio. Há momentos que ela parece ser absorvida pelo espaço onde se locomove como nos primeiros trinta segundos de vídeo, por exemplo. Não há separações fixas entre 'figura' e 'fundo', apenas uma linha muito tênue que se fecha numa esfera frágil e quase totalmente transparente. Em outros momentos, afirma sua presença, quase que 'fantasmal', percorrendo os corredores do apartamento como uma ausência que insiste em se manter presente. Ou, como uma memória de um outrem que não pertence mais àquele espaço físico.

A bolha, por mais que ocupe um lugar no espaço, ela não preenche o sentido de um corpo neste vídeo. Pois, é ao percorrer os espaços, que sua transparência se repercute entre o que se vê e o que se remete ser. Trata-se de uma transparência, mas, ainda assim insiste em se manter presente roubando toda a cena e colocando-se, então, como personagem principal. Mesmo que sua visualidade seja quase que imperceptível, tamanha a fragilidade do material que a constitui, mesmo assim, ocupa um volume no espaço, possui uma área, altura, largura, ela existe enquanto 'coisa' no mundo. Move-se flutuando por todo o espaço desde o chão,

passando por janelas e portais. Assume o lugar de uma ausência que insiste em estar sempre ali presente na linha entre um cômodo e outro, na torneira que remete à mão que por ali já passou. Imagina-se que aquele espaço tenha sido o cenário de acontecimentos, vivências e, talvez, reuniões entre amigos e familiares. Já que há nas paredes descascadas pelo tempo e no verde escolhido para decorar o quarto perto da escada um indicativo de que alguém já viveu ali, já habitou aquele espaço.

No entanto, aquele lugar é tomado por outro tipo de 'atmosfera', ou de 'neblina', denota uma mudança, um esvaziamento que agora, trata-se de uma ausência, de um vazio dele mesmo enquanto lugar. Não há um corpo pra preencher esses espaços tomados de tamanha presença, contudo, no fundo, não há necessidade de tê-lo. Já que é na própria ausência que se mantém presente, que fricciona e faz retornar todo e qualquer tipo de memória que persiste em permanecer aos arredores daquele espaço.

A cada repetição, a cada *replay* do vídeo torna-se uma reafirmação do vazio que se constitui no tempo se mantendo fixo no presente, mas que insistentemente trás a memória daquele espaço como um lugar de acontecimento, de ações, de encontros, de vivências e que se manterá marcado, a partir de então, como um lugar que não é mais aquele que antes foi. E por mais que não se saiba que memórias são essas exatamente, ou aonde, de fato, se retorna no tempo, qual é a origem das lembranças a qual a bolha remete, não importa. É no ato de percorrer o espaço vazio, sendo em si mesma, a própria ausência, que está a questão levantada e discutida neste trabalho.

Há simplicidade no piso, nos jornais que cobrem partes do chão, porém, de alguma forma, tudo deixa de ser tão simples enquanto a bolha se locomove com o ar, pairando sobre ele, ao determinar o enquadramento do vídeo que se mostra, portanto, a partir de fragmentos. Assim como as lembranças que surgem em pequenos pedaços, nos detalhes que sobrevivem por alguma razão na memória. Ao reaparecerem, sem muito porque, como se pairassem sobre o ar que serve de locomoção para a bolha, assim como serviria de locomoção para a própria memória que parece ainda emergir sobre o ambiente. Encontrando ali, na superfície do que compõe todo o corpo do apartamento, nos pisos, no corrimão da escada, nos armários embutidos, e tudo o mais que o constitui, um lugar de intimidade e de aconchego. A memória, vista

na superfície de cada um desses objetos, quase que emaranhada, se apropria da forma deles como um lugar para si, como uma moradia para ela mesma.

Há uma frase de Michel de Certeau que se aplica aqui: "(...) lugares vividos são como presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais (...)" (CERTEAU, 2012, p. 175). Novamente a questão do tempo é colocada. O presente, que se configura no tempo de duração do vídeo, faz remeter àquele lugar como outro lugar, num tempo anterior, que aparece tanto no piso gasto, na parede descascada, no fogão usado, quanto no ato mesmo de se percorrer todo aquele lugar tendo a visão da câmera que determina os enquadramentos às vezes fechados, bem próximos à bolha, às vezes mais abertos, com uma distância maior permitindo, assim, se enxergar os cômodos de forma mais abrangente.

A todo o momento há uma espécie de retorno da memória, como uma lembrança há tempos esquecida e que naquele momento específico reaparece. Como se, de fato, ela habitasse o apartamento. É aí que deixa de ser tudo tão simples, nos 'povoamentos' de memórias que passam a tomar aquelas formas, a roubá-las, a dominá-las. É dialogando com o passado que se reafirma enquanto um novo ambiente, um ambiente gasto pelo tempo, porém capaz de uma nova elaboração, capaz de receber um novo mobiliário, ou seja, capaz de uma ressignificação. Quando a memória "toma corpo," quando o objeto se vai e o que resta são memórias turvas, ou o apontamento dessas coisas e a ausência delas que insistem em serem recordadas. O percurso da bolha reafirma essa rememoração, no entanto é na sua condição material de existir que paira a repetição da presença de uma ausência, constante por todo o tempo de duração do vídeo. Para concluir esta análise, é necessário dizer que independente do significado que se dê a essa bolha, é na tentativa de circunscrever o espaço vazio que se constroem novos espaços, novos tipos de elaboração a respeito dela mesma e sobre o tempo e o presente. Enquanto questão há o constante esvaziamento que paira sobre as superfícies que o compõe. Sobretudo quando se pensa no tempo cronológico, no presente.

*Artigo recebido em julho de 2015 e aprovado em agosto de 2015.*

## Referências

ANJOS, Moacir dos. GUIMARÃES, Cao. *Cao Guimarães*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: Artes de fazer*/Michel de Certeau; 19.ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

<<http://www.caoguimaraes.com/>> Acesso em fevereiro de 2015.